



TRAMAS DE AFETOS E TRANSAÇÕES: RELAÇÕES TECIDAS POR BRASILEIRAS PRESAS EM BARCELONA

Natália Corazza Padovani

Doutora em Antropologia Social pela UNICAMP. Mestre em Sociologia pela UNICAMP e bacharel em Ciências Sociais pela USP. Desde 2003 desenvolve pesquisas em penitenciárias femininas da cidade de São Paulo. Atualmente compõe, também, o coletivo internacional de pesquisa "*Global Prisons Research Network*".

E-mail: nataliacorazzapadovani@gmail.com

RESUMO

Este artigo decorre de uma larga pesquisa etnográfica sobre experiências e narrativas de mulheres presas em São Paulo e Barcelona. O presente texto toma como referência, especificamente, o campo produzido com mulheres brasileiras presas na cidade de Barcelona – Espanha e enfoca nas falas e trajetórias de três interlocutoras da pesquisa: Linda, Luz e Marcela. Por meio de suas experiências, proponho analisar como a prisão pode ser deslocada a partir de redes de afeto e ajuda que são atravessadas por mercados sexuais, matrimoniais e pelo comércio de drogas local e transnacional. O exame proposto neste artigo leva em conta a prisão como instituição produtora destas relações e analisa como categorias de diferenciação e ilegalismos são articulados na constituição e no manejo de vínculos que as permitem ressignificar a experiência prisional transnacional.

Palavras-chave: Etnografia. Cárcere feminino. Prisão.

1. INTRODUÇÃO

O presente artigo trata da intersecção entre mercados transnacionais e redes de ajuda atravessadas pela experiência prisional e por ilegalismos. Nele, serão trazidos dados da pesquisa de campo realizada com brasileiras que estiveram presas nos módulos femininos das Penitenciárias de Brians e Wad Raz em Barcelona.¹ O objetivo do presente texto é analisar como as trajetórias das interlocutoras desta pesquisa são atravessadas pelas tramas dos mercados (i)legais embaralhados por relações de afeto, sexuais e suporte material. Tal enredamento será descrito a partir das histórias de três mulheres brasileiras que foram detidas no aeroporto de Barcelona: Linda, Luz e Marcela, todas acusadas de cometerem “crime contra saúde pública”, como as leis criminais catalãs nomeiam o envolvimento com o mercado, internacional ou local, de drogas.

O campo sobre o qual trata este texto foi produzido entre idas e vindas de São Paulo à Espanha. Um período de trabalho de campo mais longo foi feito em Barcelona entre os meses de outubro de 2011 a março de 2012. Durante este tempo, convivi com uma intensa rede de brasileiras presas em distintos regimes de aprisionamento, os quais são nomeados pela execução penal da Catalunha como *primero grado*, *segundo grado* e *tercero grado*. O primeiro e o segundo graus referem-se ao regime fechado e distinguem-se pelas condições de vida: tipos de trabalho oferecidos, pavilhão e celas. O primeiro grau é mais restrito e empreende normas de reclusão mais duras que o segundo. O terceiro grau, por sua vez, é um regime que compreende regulamentos de cumprimento de pena semiabertos ou abertos. Dito de outro modo, as pessoas presas em *tercero grado* podem passar o dia inteiro fora da prisão, trabalhar e estudar fora das dependências dos edifícios penitenciários e, ainda, ficar um período de dez dias corridos pré-determinados, *días de permiso*, em suas casas, ou em casas de amigos/parentes. O terceiro grau da pena representa a progressão do segundo grau e é um estágio anterior à assinatura da liberdade condicional.²

¹ Os dados expostos neste artigo decorrem de parte da minha pesquisa realizada para o doutorado. Nela, analisei redes de afetos e “amores” vividos através de penitenciárias femininas das cidades de São Paulo e Barcelona.

² Todos os elementos do sistema prisional de Barcelona aqui descritos fazem referência, especificamente, às prisões e às leis catalãs. A Catalunha é a única comunidade autônoma espanhola com leis de execução penal distintas das leis nacionais. Do mesmo modo, *presó* (prisão) e *dones* (mulheres) são palavras catalãs, não espanholas.

Em setembro de 2013 voltei para Espanha para um período de quinze dias durante os quais visitei brasileiras que haviam ficado presas em Barcelona e que, livres, seguiam vivendo irregularmente³ na Catalunha. Este era o caso de Linda.

2. LINDA ENTRE MERCADOS DOS SEXOS E MATRIMONIAIS

Linda chegou ao aeroporto de Llobregat em 2005 e, desde lá, seguiu à prisão de Wad Raz acusada por “crime contra a saúde pública”. Entrevistei-a em sua casa, em Barcelona. Um apartamento de três dormitórios onde Linda vivia com sua filha e o homem com quem ela havia casado: um senhor catalão, de pouco mais de setenta anos, que registrou em seu nome a filha de Linda com um espanhol também preso em Wad Raz. As penitenciárias de Barcelona onde estão os módulos femininos são mistas. Em suas dependências estão presos homens e mulheres que podem se encontrar em atividades recreativas e de formação profissional, por exemplo. Grande parte das brasileiras presas em Barcelona mantinham relações, “casos e casamentos”, com homens também presos nas mesmas instituições penais em que cumpriam suas penas. Além disso, nas prisões de Barcelona, visitas íntimas entre casais de presos, inclusive homossexuais, são permitidas. Não é necessária a comprovação dos vínculos familiares ou matrimoniais do casal. A única condição é que ambas as partes declarem desejo de terem o *vis-à-vis*. Foi durante um desses *vis-a-vis* que Linda engravidou de seu, então, namorado espanhol. Este não reconheceu o filho que Linda gestava e, também, não deu continuidade a sua relação com ela.

Foi quando Linda conheceu seu marido, em um dos períodos de *días de permiso* que ela teve durante o cumprimento de sua pena em *tercero grado*. Ele trabalhava como garçom em uma cafeteria próxima da penitenciária de onde Linda saía e voltava. Grávida, presa, estrangeira e sem trabalho ou dinheiro, Linda não sabia o que fazer. Um dia, o senhor catalão que testemunhava a vida de Linda desde seu posto na cafeteria, propôs que eles se casassem. Ele era sozinho, nunca havia se casado nem tido filhos e começava a precisar de alguém que cuidasse dele, Linda, por sua vez, ao se casar com ele, teria um

³ Ao final de suas penas, é oferecida a todos os estrangeiros presos na Catalunha a troca da liberdade condicional pela expulsão. Caso aceite a proposta, o estrangeiro tem as despesas de retorno ao “país de origem” pagas pelo governo catalão. Caso não aceite, o egresso não espanhol assina sua liberdade sabendo que está em situação irregular no país.

lugar onde morar e poderia, ainda, permanecer na Espanha regularmente para dar a luz à sua filha com tranquilidade.⁴

Durante as cinco horas que passei a entrevistando em seu apartamento, Linda pouco falou de sua vida na prisão catalã. Ela procurou, contudo, costurar em uma narrativa coerente sua vida no Brasil com a prisão em Barcelona e o casamento com o velho garçom catalão.

Linda foi deixada com seus tios aos treze anos de idade. Sua mãe trabalhava no garimpo amazônico entre as fronteiras do Brasil e da Venezuela e não podia levá-la com ela. Seus tios, entretanto, passaram a violentá-la e Linda decidiu fugir de casa indo parar no centro de uma pequena cidade de Roraima onde passou a viver na rua, até que conheceu a dona de uma casa de prostituição que a acolheu. Linda começou a trabalhar na casa da senhora que a acolheu ora limpando, ora atendendo algum cliente. “Eu não era obrigada a ir pra cama com ninguém, eu ia quando eu queria fazer mais dinheiro do que aquele que eu recebia pelo serviço de limpeza. Ninguém me obrigava a fazer nada”.

Em uma das vezes em que Linda decidiu atender os clientes da casa de prostituição em que trabalhava, conheceu o homem que seria o seu primeiro marido. Um caseiro das fazendas pecuárias da região. Ele passou a ser o cliente fixo de Linda com quem, por fim, se casou. Na época, ela estava com quinze anos e ele com pouco mais de vinte. Linda deixou a casa da mulher que havia a acolhido para morar com seu marido em uma das fazendas em que ele era empregado.

Ele me ensinou tudo que eu sei, me ensinou a ler, escrever, a comer de talher. Eu amo ele até hoje. Ele foi tipo meu pai. Eu dizia pra ele que eu só ia abandonar ele no dia que eu encontrasse minha mãe. Que nesse dia eu ia embora com a minha mãe.

Com seu primeiro marido, Linda ficou casada por pouco mais de quatro anos, teve uma filha com ele e só se separou depois que sua mãe a encontrou por meio da lista telefônica. Linda tinha, então, dezenove anos e decidiu deixar sua filha com o ex-esposo para ir viver com a sua mãe na zona do garimpo, na fronteira entre Brasil e Venezuela, mesmo local para onde, anos atrás, sua genitora havia partido.

⁴⁴ De acordo com a Ley Orgánica 4/2000, de 11 de janeiro, sobre *derechos y libertades de los extranjeros en España y su integración social*, todos os estrangeiros que se casam com espanhóis têm o direito de residência adquirido. Este deve ser renovado por dois anos até que se torne permanente. A lei não diferencia, como faz a lei brasileira (ver capítulo III), estrangeiros que tiveram ou não passagem pelo sistema prisional. O texto da lei está disponível em: <https://www.boe.es/buscar/act.php?id=BOE-A-2000-544>

Chegando lá, me deu um ódio. Eu achava que o garimpo era uma cidade, uma coisa linda. Quando eu era criança, via minha mãe chegar na casa dos meus tios cheia de ouro, com arma na cintura. Eu achava aquilo o máximo. Eu queria ser a minha mãe, eu queria ir pro garimpo! Mas quando eu cheguei lá, tanto sacrifício para eu chegar lá fiquei com uma raiva! A vila do garimpo era só quatro pau e uma lona em cima! Era só lama! Fiquei com muito ódio!”

Apesar do ódio que Linda sentiu, ela aprendeu que “debaixo da lona tinha de tudo”: mercearias, lanchonetes e casas de prostituição. Foi assim que decidiu abrir um pequeno negócio de bolos, Linda os fazia e os vendia por pedaços, enquanto isso, sua mãe seguia nas atividades de coleta do ouro como “dona de balsa de garimpo de rio”, atividade de bastante prestígio na região do garimpo, pois significa ser o detentor da tecnologia necessária para a captação do minério.

A imagem que Linda tinha da mãe: “carregada de ouro e com arma na cintura”, decorria da posição que ela ocupava no garimpo. Posição enredada por relações de poder e risco, dado que a atividade de coleta de ouro exercida por ela se dava em garimpos clandestinos, quer dizer, em áreas onde a exploração do minério não era permitida nem regulada pelos governos brasileiro ou venezuelano. O território fronteiro, objeto de constante disputa e controle por parte dos aparelhos de estado, das populações indígenas e dos garimpeiros (Rodrigues, 2006) foi, segundo a narrativa de Linda, ocupado no início da década de 2000 pelas forças nacionais venezuelanas que fecharam as atividades clandestinas de coleta do ouro, expulsaram os garimpeiros do local e tomaram de sua mãe, e de outros donos de balsa, todos os equipamentos.

Linda e sua mãe ficaram, portanto, sem ter meios de subsistência. Expulsas da zona de garimpo, foram para uma pequena cidade do estado de Roraima com a intenção de esperar que o exército venezuelano deixasse a área de mineração clandestina para que, assim, elas pudessem retornar e voltar a viver da atividade. Nesse período, Linda voltou a trabalhar como prostituta para poder sustentar ela e a sua mãe. Pouco tempo depois, contudo, as forças nacionais venezuelanas deixaram o garimpo, que reabriu e as duas puderam retornar a ele. Linda, porém, não deixou de trabalhar como prostituta na zona de coleta de ouro, de modo que ajudava sua mãe a juntar dinheiro para a compra de uma nova balsa.

O incidente que fez Linda tomar a decisão de ir para Barcelona levando cápsulas de cocaína em seu estômago ocorre, segundo ela, neste momento. Linda conta que sua mãe se apaixonou por um de seus clientes, com o qual acabou se casando. O ex-cliente

de Linda, atual marido de sua mãe, contudo, ainda buscava seus serviços da filha que, por sua vez, recusava a atendê-lo. As investidas do então esposo de sua mãe fizeram com que ela expulsasse a filha do garimpo. Após ser expulsa por sua mãe da vila dos garimpeiros, Linda decidiu que teria de juntar dinheiro suficiente para voltar ao garimpo como “dona de balsa” e, assim, ocupando um lugar de mais prestígio que o de sua mãe, matar o marido dela, seu ex-cliente. Linda procurou um traficante venezuelano e se ofereceu para viajar à Espanha carregando cocaína no estômago. Ao chegar a Barcelona, Linda foi presa e passou três anos cumprindo pena entre as penitenciárias de Brians e Wad Raz.

Durante a entrevista, ela ainda cumpria a pena em *tercero grado*, mas havia conquistado o direito de permanecer em sua casa por ser casada com o “senhor catalão”, por ter uma filha com menos de dois anos e por ter residência fixa. Linda, em oposição a toda sua trajetória entre Brasil/Venezuela, saiu da prisão com lastro documental e de vínculos suficientes para assegurá-la os direitos de imigrante regular. A filha de Linda recebia um auxílio financeiro governamental e ambas passavam o dia em uma instituição onde, enquanto Linda aprendia o ofício de cuidadora, sua filha era tutelada por professoras e recreadores. Mas, a despeito de toda esta seguridade experimentada, Linda planejava voltar ao Brasil e ao garimpo. Sobre isso, ela era sistematicamente questionada pelas amigas que conheceu dentro da prisão catalã, ao que sempre respondia: “Ah, cansei de casar pra ter onde morar, de casar pra ter alguma coisa em troca... Cansei. Eu só quero casar por amor!”.

As histórias e narrativas de Linda possibilitam desestabilizar noções pressupostas acerca de prisão, liberdade, vulnerabilidade e seguridade. Afinal, Linda era o exemplo da egressa do sistema prisional que havia se tornado uma migrante indesejada a qual as políticas do estado catalão eram obrigadas a reconhecer, documentar e subsidiar. Ainda assim, Linda dizia querer voltar ao Brasil, queria reencontrar sua filha mais velha e voltar ao garimpo de sua mãe. Em outras palavras, ela não parecia se importar em permanecer em situações de tênue seguridade documental e financeira. Linda não pensava em atrelar seu destino⁵ ao enquadramento de uma total regularidade estatal. Nesse registro, nas falas de Linda, liberdade relacionava-se a um “amor”, a imagem de uma conjugalidade liberta de trocas e ajudas.

⁵ Destino é o nome dado pela Lei de Execução Penitenciária da Catalunha aos resultados das avaliações criminológicas e comportamentais das presas (e presos). Por meio do destino, é definido o lugar que cada pessoa presa ocupa na penitenciária: seu pavilhão, sua cela, seu trabalho, suas funções e horários cotidianos, os cursos que pode ou não fazer, enfim, o destino de sua vida durante a pena.

Depois que voltei de Barcelona, segui minhas conversas com Linda através do *Facebook*. Por meio desta rede social, Linda me contou que havia saído da casa do “velho catalão”, que havia deixado sua filha na casa de uma amiga para, assim, poder trabalhar no *piso* de prostituição de Ana, a quem Linda havia conhecido dentro dos pavilhões de Brians.

Há quinze anos, Ana saíra de Santo André, cidade da região metropolitana de São Paulo, para levar cocaína à Barcelona. Como tantas outras “latinas”, ela foi detida no aeroporto e levada à penitenciária para cumprir pena por “crime contra saúde pública”. Durante o cumprimento de sua pena, Ana conheceu uma proprietária de apartamento onde mulheres colombianas, brasileiras, espanholas, romenas prestavam serviços sexuais. Apartamento onde Ana passou a trabalhar enquanto cumpria a pena em *tercero grado* e depois, em liberdade. Com o tempo e com o dinheiro ganho, Ana alugou seu próprio apartamento e, por meio dos contatos que tinha na prisão, oferecia abrigo e trabalho às brasileiras que, como ela, haviam sido presas por tráfico internacional de drogas. O apartamento de Ana servia de porto seguro para brasileiras que não tinham onde ficar nos dias de *permiso*. Brasileiras que não eram obrigadas a trabalhar com mercado sexual caso precisassem se hospedar no piso de Ana: “elas fazem o que quiserem, não precisa ser puta. Se precisar de um teto, só peço para que cozinhem, limpem a casa, é uma troca, entende?”.

Conheci Ana dentro do módulo de *primero grado* na Penitenciária de Brians. No momento da pesquisa, ela respondia pena por ser proprietária de um apartamento de prostituição que seguia em funcionamento sob a gerência de uma das brasileiras que Ana conhecera na prisão. Caminhando entre as tênues fronteiras das legalidades e ilegalidades, Ana continuava a viver na Espanha, país para o qual havia viajado quinze anos antes de nossa conversa, para uma ação comercial pontual. País no qual conheceu o português com quem pretendia se casar para, enfim, produzir além dos lastros econômicos, os documentais que a permitiriam ficar na Espanha. Por meio das redes de comércio de drogas que enredavam Brasil e Espanha em um fluxo de mercado transnacional, Ana inseriu-se, através de redes de ajuda conhecidas na prisão catalã, no mercado do sexo intersectado por acordos transacionais atravessados pelas tramas documentais que tecem legalidades/ilegalidades com permanências, prisões e liberdades.

As trajetórias de Ana e Linda alinhavavam redes de ajuda e mercados (i)legais constituídos por presas e egressas brasileiras do sistema prisional catalão. Linda recorreu a esta rede de ajuda, tramada por meio do mercado do sexo, para poder sair da casa do

“velho”, voltar a trabalhar e, assim, juntar dinheiro para retornar ao Brasil, à lama, ao garimpo de sua mãe. Para poder, quem sabe, “casar por amor”.

Se as histórias de Linda (e Ana) enredam prisão transnacional, fluxos migratórios, trocas e mercados sexuais/conjugais, as de Marcela e Luz são produzidas através das relações de afeto e ajudas tecidas a partir do mercado transnacional de drogas. Uma rede de amparo que as acolheu da mesma forma a que a rede do mercado do sexo acolheu Linda.

3. LUZ E MARCELA: ENTRE AS REDES DE AFETOS DOS MERCADOS ILEGAIS

Uma das principais interlocutoras desta pesquisa, Luz, brasileira da cidade de Diadema, foi presa em 2007 assim que desembarcou no aeroporto internacional de Barcelona. Com o decorrer dos anos que duraram este processo etnográfico, Luz se tornou uma amiga com a qual não perdi o contato. Com ela mantive interlocução por meio de e-mails, telefone e *Facebook*.

Em início de 2012, quando assinou sua liberdade, Luz estava grávida de Carlos, colombiano a quem conheceu enquanto cumpria pena no módulo feminino da prisão de Brians. Fora da prisão, Luz visitava Carlos duas vezes por mês⁶, ou seja, sempre que o casal tinha *vis-à-vis*, visitas familiares/conjugais. O marido de Luz seguia trabalhando em uma das oficinas de trabalho de Brians e, com o salário recebido, conseguia mantê-la em um quarto alugado na periferia de Barcelona, pagar suas despesas e manter-se dentro da prisão.⁷ Para incrementar a renda, Luz vendia pequenas quantidades de maconha e haxixe

⁶ As regras e regulamentações para as visitas nas prisões de Barcelona são bastante flexíveis. Para uma pessoa visitar um preso ou presa precisa, somente, da autorização deste último e de um documento com foto. Não há, como ocorre em São Paulo, necessidade de apresentar um documento que comprove nulidade de “antecedentes criminais”. Impressionava o número de brasileiras egressas do sistema prisional da Catalunha, em situação irregular na Espanha, que entravam para visitar namorados, namoradas, amigas e familiares portando o passaporte vencido há anos atrás. Espantava o paradoxo de aquelas estrangeiras, majoritariamente vindas de países da América Latina e em situação irregular na Espanha, terem livre acesso à prisão e, ao mesmo tempo, se esconderem nas ruas de Barcelona com medo da polícia que fiscalizava a imigração. Com medo de todo sistema da temida *extranjería* espanhola.

⁷ As oficinas e o oferecimento de trabalho dentro das prisões catalãs são fartos e muito representativos para manutenção da vida cotidiana. O que chamava atenção nas narrativas sobre os trabalhos nas prisões eram os salários a eles atribuídos. No caso das oficinas dos módulos masculinos, as interlocutoras dessa parte da pesquisa diziam que os pagamentos podiam ultrapassar mil euros. Ainda segundo elas, muitos presos tinham mais condições de sustentar suas famílias de dentro da prisão do que fora dela. E, de fato, os contrastes entre as possibilidades de sustento familiar vivenciadas dentro e fora da prisão ficaram ainda

por meio dos contatos que obtive com Marcela, sua companheira de cela em Brians quem passou a ser sua “irmã de caminhada”.

A situação de Carlos e Luz mudou depois que ela foi flagrada tentando ingressar com um cigarro de maconha para dentro da prisão em um dia de *vis-à-vis*. Na ocasião, Carlos e os funcionários da penitenciária acordaram que, em decorrência da gravidez de Luz, ele assumiria a posse da droga de modo que ela não precisaria passar por um novo processo criminal. As visitas de Luz a Carlos foram, contudo, proibidas pela administração da prisão e, além disso, ele foi regredido para o *primero grado* de modo a perder seu posto de trabalho no pavilhão de *segundo grado* em Brians. Carlos não podia mais sustentar Luz que, por sua vez, já estava com oito meses de gestação.

A filha de Luz nasceu em uma pequena cidade rural da província de Girona, situada a oitenta quilômetros de Barcelona. Foi nesta mesma cidade onde, em setembro de 2013, encontrei Luz vivendo em liberdade como imigrante irregular.

Nos e-mails trocados e nas chamadas telefônicas que mantínhamos enquanto Luz estava em Catalunha e eu em São Paulo, ela me dizia que estava vivendo com sua filha e com Marcela na casa de uma “senhora idosa”. Luz e Marcela diziam que a senhora as havia acolhido como um favor. As informações que me passavam eram carregadas de atributos de precariedade, falta de infraestrutura, de dinheiro e de alimentação. Minha viagem à comunidade catalã de Girona foi feita com base nestas informações. Ao chegar à pequena cidade, contudo, encontrei Luz e Marcela vivendo em uma propriedade rural equivalente a uma chácara, na qual havia criações de cabras, porco e carpas que conviviam com os cachorros e os gatos da casa além, claro, da imensa porca Sofia que, segundo Luz, era o animal de estimação favorito da dona da casa. Luz e Marcela dormiam cada uma em uma suíte individual equipada com banheira e, no caso de Luz, com todos os utensílios necessários para os cuidados de sua filha. A casa era decorada com pinturas que retratavam uma família ou uma mulher austera e ainda, com móveis dourados estilo “Luis XIII” e cortinas elaboradas em tecidos grossos floridos. A casa em que encontrei Marcela e Luz morando não condizia, ao menos a primeira vista, com suas narrativas.

Assim que cheguei à “chácara de Girona”, encontrei Luz sozinha com sua filha. Nem Marcela, nem a dona da casa estavam. Eu havia feito algumas compras no mercado local com intenção de levar a elas alguma comida, além de fraldas e produtos de higiene

mais patentes durante a visita às casas de familiares de espanholas presas no Brasil. Em duas dessas famílias todos os filhos estavam desempregados e por essa razão, haviam retornado à casa dos pais com seus filhos e cônjuges.

que atendessem suas necessidades e as da criança. Luz e eu fizemos o almoço com as compras que eu havia levado e, enquanto cozinhávamos, Luz foi contando sobre a casa, sobre a dona da casa e sobre a relação dela com Marcela.

Marcela também havia sido presa acusada de cometer “crime contra a saúde pública”, contudo, diferente da maioria de suas parceiras de prisão, Marcela dizia que era “mula profissional”. Segundo sua narrativa, ela aprendeu a embalar as cápsulas de cocaína que levava no estômago quando tinha menos de vinte anos e ainda vivia com seus pais em Porto Seguro, no sul do estado da Bahia. Ela mesma embalava a droga que tragava para transportar durante as viagens de ônibus que fazia pelo nordeste brasileiro enquanto seus pais administravam um restaurante regional para os turistas que visitavam a cidade.

Marcela havia se inserido no mercado de drogas brasileiro por meio das demandas de consumo feitas pelos visitantes de um dos principais destinos turísticos do país. No início da década de 2000, passou a receber propostas para levar cocaína em viagens internacionais. Seus ganhos seriam maiores e, para tanto, ela teria de se mudar para São Paulo, de onde saía a maior parte dos voos para Europa, a qual passaria a ser seu destino. Aos vinte e quatro anos, Marcela viajava mensalmente para a Espanha levando cápsulas de cocaína do estômago. À sua mãe, Marcela dizia que era representante comercial de bebidas e que viajava a trabalho. Os anos passados por entre viagens pelo nordeste e pela rota transnacional do comércio de drogas fizeram dela uma “mula profissional”.

Eu fui uma das primeiras a levar drogas no estômago. Na minha época isso tudo era novidade. Mas também eu nunca deixei nada cair [nunca foi presa, nunca perdeu parte da droga e sempre manteve seus contatos em segredos], sempre fui de confiança. Sempre me chamavam para umas viagens mais difíceis e eu cobrava mais caro. Vamô dizer, eu fui me profissionalizando.

Assim conheci Marcela, enquanto ela cumpria pena em *tercero grado* na penitenciária de Wad Raz em Barcelona. Diferente de todas as demais brasileiras presas em Barcelona que integraram o quadro de interlocutoras dessa pesquisa, Marcela era homossexual e não se inseria na trama dos relacionamentos heterossexuais entre os módulos de Wad Raz e Brians. Ao contrário, nestas mesmas prisões ela conheceu Eliza, uma espanhola com quem manteve um relacionamento, chegando, inclusive, a morar com

ela dentro e fora da penitenciária. Por Eliza, Marcela não aceitou a expulsão proposta pela justiça catalã e acatou a condição de irregularidade atrelada a sua liberdade condicional.

Em liberdade, Marcela vendia porções de maconha e cocaína em uma pequena rede do mercado local de drogas em Barcelona. Eliza, por sua vez, trabalhava legalmente para manter o apartamento em que vivia com sua filha e Marcela, sua companheira. O relacionamento, contudo, terminou pouco tempo depois de Marcela ter assinado sua liberdade definitiva. Pouco tempo depois de ela ter firmado sua condição de imigrante “ilegal”.

Marcela e Luz conheceram-se enquanto cumpriam pena na penitenciária de Brians em Barcelona. Compartilharam a cela algumas vezes e, durante o regime semiaberto, ajudavam-se mutuamente com dinheiro, trabalho e alimentação. A gravidez de Luz, o término do relacionamento de Marcela e Eliza e a condição de imigrantes irregulares de ambas configuravam razões suficientes para que elas decidissem “ir morar de favor com a senhorinha de Girona”.

Durante o meu almoço com Luz, foi ficando claro que a “senhorinha de Girona” era o contato de Marcela quando esta era “mula profissional”.

A “senhorinha de Girona” recebia a droga que Marcela trazia da América do Sul e a repassava para dois outros contatos, “uma cigana e um taxista” (diziam elas), que eram responsáveis por distribuir a droga pelo norte da Espanha e pela França. Enquanto ouvia as histórias que Luz me contava, percebia que a casa, repleta por sinais de ostentação, fazia parte de um período áureo do envolvimento da “senhorinha” e de Marcela com uma rede de comércio de drogas que não existia mais. De fato, no decorrer da tarde a “senhorinha” chegou a casa em companhia de Marcela. As duas carregavam uvas em sacolas reutilizáveis de supermercado. Elas tinham visto as uvas no quintal de uma das chácaras vizinhas e, por tê-las achado “tão bonitas”, resolveram colher alguns cachos rapidamente, “antes que o dono da chácara as flagrasse”. As narrativas de necessidade que Luz e Marcela me contavam por e-mail e telefone, por fim, coadunavam com o cenário de ostentação. Ambas se encontravam na sacola das uvas e nos animais criados pela “senhorinha”. Animais que ela, vegetariana, recusava-se a comer. Antes, dizia ela, havia os “resgatados” de situações “lamentáveis” em propriedades da região.

A “necessidade” de que me falavam Marcela e Luz, em nossas conversas a distância, era referente também, a vida em uma cidade rural, em uma casa “sem internet” (para acessar e-mail e *Facebook* elas iam à *lanhouse* da cidade administrada por

imigrantes que, como elas, estavam irregulares na Europa). A uma situação em que possibilidades de trabalho e de algum tipo de ganho financeiro eram bastante limitadas.

Luz, em especial, dizia querer voltar para o Brasil o quanto antes. Ela, que havia combinado com Carlos que o esperaria sair em liberdade para voltar – junto dele – para o Brasil, enviava todos os dias e-mails à Organização Internacional para as Migrações (OIM) pedindo que a incluíssem no Programa de Retorno Voluntário o qual, por sua vez, dependia de um documento a ser produzido pela assistente social da prefeitura da pequena cidadela rural em que estava Luz. Funcionária pública que demandava que Luz a entregasse alguma carta da OIM que a esclarecesse acerca do processo. Por fim, a despeito das demandas da assistente social do povoado de Girona, Luz conseguiu receber as passagens de retorno ao Brasil por meio de uma ONG catalã de atenção ao imigrante.

Marcela também queria voltar, mas como os representantes da ONG disseram que, naquele momento só conseguiriam comprar a passagem para uma delas, as amigas decidiram que seria melhor Luz voltar primeiro, “já que ela está com o bebê pequeno”, dizia Marcela enquanto segurava a filha de Luz no colo.

Em novembro de 2013, dois meses depois de minha visita a casa da “senhorinha de Girona”, busquei Luz no aeroporto de Guarulhos e a levei à casa de sua família em Diadema. Marcela demoraria mais seis meses para conseguir voltar. Atualmente, as duas estão no Brasil. Marcela em Santos e Luz em Diadema. Luz ainda está casada com Carlos e segue aguardando sua chegada ao Brasil.

4. NAS TRAMAS DOS MERCADOS, AFETOS E PRISÕES TRANSNACIONAIS

Como analisa Adriana Piscitelli (2011), “ajuda é uma noção amplamente difundida no Brasil e também entre migrantes brasileiras/os no exterior” (p.550). Noção vinculada a outras, como cuidado e afeto, “ajuda” relaciona-se às práticas de trocas sexuais atravessadas pelo dinheiro o qual pode tomar a forma de favores, jantares, roupas, celulares e artigos essenciais para subsistência. Nas relações de ajuda as partes não são cliente e trabalhadora, são namorados, amantes. São partes de um relacionamento no qual as trocas mercantis não são diretas, mas antes atravessadas por narrativas que acionam e

negociam afetos e cuidados múltiplos.

Nas bibliografias brasileiras sobre ajuda, fala-se de diversas formas possíveis dessas relações geralmente estabelecidas entre “homens e mulheres em posições desiguais em termos de classe ou pelo menos de acesso a recursos econômicos e muitas vezes também em termos de idade e ‘cor’” (Piscitelli, 2011, p. 553). Claudia Fonseca (1996), por exemplo, descreve a imagem do “velho que ajuda”. Segundo a autora, o “velho” representa um meio de mobilidade social para “garotas de camadas populares” que podem ou não trabalhar no mercado sexual. A imagem do “velho que ajuda”, trazida por Claudia Fonseca, coaduna com a relação que Linda mantinha com seu esposo, o “velho catalão”.

Por meio de seu casamento com o “velho catalão”, Linda obteve documentos necessários para sua permanência legal na Espanha, uma casa onde criar sua filha e ainda, o direito de terminar de cumprir sua pena em regime domiciliar. A trajetória da relação estabelecida por Linda com o “velho catalão” foi a de uma união matrimonial fundamentada em um acordo de ajuda. O “velho” não tinha casa, não tinha filhos, trabalhava de garçom nas imediações da prisão onde também alugava um quarto para morar. Casar com Linda significava a possibilidade de constituir uma família e de ter alguém que “cuidasse dele quando ele não pudesse mais trabalhar”. Para Linda, por outro lado, era um meio de se estabelecer em Barcelona junto de sua filha, fora da prisão. A relação transitada para o registro do matrimônio era constituída pela reciprocidade entre trocas sexuais, de cuidados e de subsídios para a manutenção da vida. Afinal, o “velho catalão” podia até não ser um “velho rico”, mas era o “velho que sustentava” Linda e sua filha em um apartamento de três quartos no distrito de Santa Coloma, socialmente reconhecido como “latino” ou “vulnerável”, em Barcelona.⁸

Seguindo o argumento exposto por Fonseca (1996), de ser o “velho que ajuda” um meio de ascensão social, e levando em consideração o contexto da experiência prisional transnacional a que Linda estava inserida, o casamento com o “velho catalão” representava uma significativa ferramenta de mobilidade social. Linda agenciou a relação até o momento em que assinou sua liberdade e pôde continuar na Espanha “legalmente” com sua filha. Quando Linda saiu da casa do “velho catalão”, sua filha tinha pouco mais de dois anos. Idade que ela julgou suficiente para deixá-la com uma amiga enquanto trabalhava no apartamento de prostituição que conhecera por meio da “rede de

⁸ Sobre o distrito, sugiro ver **Análisis urbanístico de Barrios Vulnerables en España 08245 – Santa Coloma de Gramenet**. Disponível em: <http://habitat.aq.upm.es/bbv/municipios/08245.pdf>

brasileiras” presas em Brians.

Diferente das descrições acerca das relações de ajuda feitas por Adriana Piscitelli, que fala de turistas europeus brancos e mulheres brasileiras em Fortaleza, as relações de ajuda estabelecidas por Linda se davam por meio das redes de afetos e conhecimentos atravessados pela experiência prisional transnacional. Esta, enredada por intersecções de classe, raça, gênero e nacionalidade e, também, produzida por e produtora de territórios das cidades que não são mensuráveis geograficamente, mas antes constituídos pelas relações e mobilidades nos mercados ilegais/legais (Ruggiero & South, 1997; Hirata, 2010). Nesse sentido, o café em que o velho catalão trabalhava e o piso de prostituição gerenciado por Ana, produziam um mapa por meio do qual Linda transitava por entradas/saídas dos portões das instituições prisionais catalãs.

Parte desse mapeamento era, para Linda, o garimpo para onde ela pretendia voltar. A partir desses territórios possíveis de fluxos, Linda agenciava sua ideia de “amor”, um amor diferente do que tivera por seu primeiro marido que a criou como “um pai”. Um amor que não fosse produzido pela “necessidade” de ter onde morar ou de receber algo em troca. Uma ideia de amor formulada a partir da negativa das relações de ajuda e do mercado sexual. Uma “utopia romântica” balizada pela estética familiar fundamentada em atributos das “classes burguesas” tal como aponta Illouz (2009).

O amor pelo qual Linda dizia querer casar contrapõe-se aos afetos produzidos por Luz, Marcela e a “senhorinha de Girona”. Daniel Hirata (2010) ao analisar trajetórias pessoais que lidam, cotidiana e simultaneamente, com mercados legais e ilegais nas periferias da grande São Paulo, fala de trajetórias que descortinam uma “economia política dos ilegalismos” por meio de deslocamentos das “fronteiras do formal e do informal, do lícito e do ilícito”. Como Hirata argumenta, saber caminhar por entre estes imbricamentos significa, dentre outras coisas, ter clareza dos riscos corridos em cada situação. Clareza relacionada à tessitura de uma rede de confiança que configuram as engrenagens desses mercados: pessoas que produzem e gerenciam toda logística implícita no transporte e venda da cocaína, por exemplo.

É dessa rede de confiança multifacetada de que fala a história de Luz, Marcela e sua relação com a “senhorinha de Girona”. Um vínculo atravessado por códigos imbricados em mercados ilegais, ou “criminosos”, que produzem redes de afeto. Se a história de Linda enreda trocas sexuais, de cuidados e dinheiro, a trajetória de afeto de Marcela e Luz é tecida pelo estabelecimento de um elo mantido pelas trocas de cuidados e de dinheiro profundamente calcadas no mercado transnacional de drogas. Elo por meio

do qual Marcela decide adiar sua volta ao Brasil.

Se Marcela queria voltar a ver sua mãe e seu pai, ela também não poderia deixar de amparar Luz no momento em que esta estava “carregando sua filha no colo”. Marcela não poderia deixar de cuidar de quem, junto dela, construiu ao longo dos anos passados na prisão e de trabalho no mercado de drogas, um vínculo “familiar” mantido em meio às situações de “necessidade” mesmo que dentro da casa decorada com os símbolos da ostentação do dinheiro arrecadado com a venda de cocaína.

Laços de ajuda mútua enredados por trocas de afeto, cuidados e dinheiro, são laços nutridos pela manutenção da vida dentro/fora da prisão, dentro/fora dos mercados ilegais. São relações definidas pelos vínculos do ordinário, criadas pelas trocas das “substâncias” compartilhadas ao longo da vida cotidiana: a comida, o dinheiro, os segredos, os afetos. Criadas tal qual pelo *relatedness* de que fala Carsten (2004).

Nas histórias contadas aqui, trajetórias são atravessadas por tramas de mercados que balizam e embaralham relações de afeto, redes de ajuda, de trabalho e de sustento material. Marcela e Luz, por exemplo, têm nas relações tecidas por meio dos mercados de drogas, transnacionais ou locais, uma rede de amparo que as acolhe, mas pela qual elas também se sentem responsáveis. De mesmo modo acontece com Linda que, em diversos momentos, é subsidiada pelas relações tecidas por meio dos mercados do sexo, do ouro e das drogas. As narrativas de Marcela, Luz e Linda permitem que olhemos para como o embaralhamento entre prisão, mercados (i)legais e dinheiro produzem relações de nutrição e alteração de trajetórias. Afinal, elas fazem das trocas ordinárias para a manutenção da vida, substâncias de transformação da mesma. Trocas de cuidados que tecem afetos em meio à circulação do dinheiro nos mercados ilegais e nas prisões transnacionais que as mobilizam e que, por elas, são mobilizadas.

REFERÊNCIAS

CARSTEN, Janet. **After Kinship**. Cambridge: The Press Syndicate of the University of Cambridge, 2004.

FONSECA, Claudia. “A dupla carreira da mulher prostituta”. **Revista Estudos Feministas**, nº 1, 1996, pp.7-33.

HIRATA, Daniel Veloso. **Sobreviver na adversidade: entre o mercado e a vida**. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2010.

ILLOUZ, Eva. **El consumo de la utopía romántica: El amor y las contradicciones culturales del capitalismo**. Madrid: Katz Editores, 2009.

PISCITELLI, Adriana Gracia. “Amor, apego e interesse: trocas sexuais, afetivas em cenários transnacionais”. In: Adriana Piscitelli; Glaucia Oliveira de Assis; José Miguel Olivar (orgs.), **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**. Campinas: UNICAMP/PAGU (Coleção Encontros), 2011, pp. 385-433

RODRIGUES, Franciele. “Migração transfronteiriça na Venezuela”. In: **Estudos Avançados**, vol. 20 (57), 2006, pp. 197-207.

RUGGIERO, Vincenzo & SOUTH, Nigel. ‘The late-modern city as a Bazaar’. **British Journal of Sociology**, 48(1), 1997, pp. 57-70.

PLOTS OF AFFECTION AND TRANSACTIONS: RELATIONSHIPS WOVEN BY BRAZILIAN WOMEN ARRESTED IN BARCELONA

ABSTRACT

This article revolves around data from my PhD research: a multi-placed ethnography circulating among the networks established by people trapped in women's prisons in the cities of São Paulo and Barcelona. This paper gives special attention on data produced by ethnography in Barcelona with Brazilian women

arrested in Catalonia. My focus is on narratives and trajectories of three interlocutors: Linda, Luz and Marcela. Through their experiences, I propose to analyze how prison can be displaced by affective networks and “help” which are crossed by sex work and marriages as well as local and transnational drug market. The analysis proposed in this paper considers prison as a productive institution of relationships and analyze how attributes of difference and illegalisms are articulated in the establishment and agency of this ties which allow reframe the transnational prison experience.

Keywords: Ethnography. Women in prison. Prison.